

RANDOLPH E A MESTRA BLAVASTKY

O grande publicista teósofo Mario Roso de Luna prestou relevante serviço, reunindo num interessante livro, vários traços biográficos da Sra. Blavastky, trabalho em que, a par de dados curiosos, narra os sucessos mais notáveis da vida exemplar e torturada da Mestra.

Desconhecendo os seus últimos escritos, não sei se ofereço, como novo, um fato já relatado, embora, nenhuma inconveniência decorra desta repetição.

Colhi-o em notas tomadas por Franz Hartmann, que conviveu com a Mestra e partilhou de vários acontecimentos de sua vida, notas autênticas e devidas ao conhecimento íntimo e amizade que me uniu ao eminente autor de MAGIA BRANCA E NEGRA.

Eis o fato:

Em meados do século passado, XIX, viveu nos Estados Unidos, um homem extraordinário, ocultista de estranhas capacidades, a quem atribuíam conhecimentos invulgares de maravilhosa e desconhecida ciência. Entre os seus ascendentes contavam-se armênios, indianos, egípcios, africanos e germanos. Esta mistura impossível e indefinida davam ao herói da nossa narrativa uma fisionomia surpreendente.

P.R Randolph, como se assinava, era uma espécie de Cagliostro que instalara seu consultório, na cidade de Boston, onde exercia a profissão de clarividente e conquistou notoriedade extraordinária, em virtude do acerto dos seus prognósticos. Tornou-se tão famoso que o seu nome chegou aos ouvidos de Napoleão III, que o chamou á Paris, garantindo-lhe valiosa contribuição. Na capital francesa, guiou, de fato, Napoleão, em suas deliberações de Estado, e fez-se discípulo de Eliphas Levi, o Mestre de Papus e, espiritualmente, meu antecessor.

Antes disto, visitou, em Nova York, a Sra. Blavastky, com quem travou relações, que foram, mais tarde, a base da estreita amizade que os ligou. Contudo, as pessoas, intimamente ligadas com a mestra, ignoravam, porque esta não o queria receber em casa, preferindo encontra-lo no meio da rua. Ninguém sabe o que descobrira na alma de Randolph. O certo é que acabou se afastando dele, procurando mesmo evitar o mago, a quem, como se dizia, dispensara uma amável fraternidade.

Na Índia, já havia sucedido a Sra. Blavatsky um fato bem curioso. No momento de tomar, certa tarde, levantou-se precipitadamente, gritando: Que quer esse negro malvado?!

Contam, também, que, nos Estados Unidos, a Mestra, evitando a curiosidade de seus íntimos, realizava entrevistas com o mago... Assim que chegava, á residência, encerrava-se, em seu quarto e tomava notas. Que escreveria a Mestra?

Hartmann refere que as faculdades de Randolph eram, efetivamente, extraordinárias e sua clarividência superior a da Sra. Blavastky e de todos os iniciados da época, considerando-o um fenômeno dentro da Magia.

Conhecia todos os segredos iniciáticos dos Rosa-Cruz, mas nunca fora iniciado. Quando he perguntava onde bebera tão prodigiosos conhecimentos encolhia os ombros e dava uma formidável gargalhada...

Dizem que bastava se concentrar por alguns momentos para falar qualquer idioma, por mais desconhecido. A Sra. Blavastky, quando pretendia resolver qualquer problema mais intrincado, a despeito da sua repugnância, recorria a Randolph...

Um senhor, que assistia certa noite, uma representação teatral, em New York, em companhia do mago, perguntou-lhe: É verdade que você pode chamar, mentalmente, qualquer pessoa, sem que ela possa desobedece-lo? Experimente, disse Randolph, e

mandou que, ad libitum, escolhesse alguém na platéia. O amigo percorreu com a vista a multidão que enchia o teatro e disse: Aquela loura que esta sentada ao lado da pilastra. Sim, respondeu Randolph; espere um instante...

O mago fechou os olhos, durante alguns segundos, enquanto o companheiro observava a pessoa indicada.

A pobre moça, como se tivesse recebido um estranho choque, estremece, levanta-se e dirige para o lugar em que estava Randolph.

Por Deus, brada o amigo. Tire-lhe o encanto e deixe-a livre!

Você tem um poder fora do comum e é um perigo!

Em resposta a estas insinuações Randolph limitava-se a encolher os ombros e dar a sua habitual gargalhada...

Todos os amigos da Sra. Blavastky consideravam Randolph um verdadeiro enigma. Ela mesma evitava aludir á sua esposa... O caso, porem, do chá, a que já me referi em Adyar teve sua repercussão nos meios teosóficos.

Fazia um intenso calor e a conversa girava sobre assuntos triviais. Um pouco de preguiça e lassidão pairava no ambiente e tudo acussava essa calma característica das horas estivais. De repente a Sra. Blavastky tornou-s e pálida. "MALDITO NEGRO, exclama com todas as forças dos seus pulmões." "QUER MATAR-ME COM UM REVOLVER!"

Segue-se um instante de silencio e de inquietação por parte de todos os presentes... A Mestra dá um profundo suspiro e articula: "Já levou o diabo!"

"Todos os assistentes, então, pressurosos, indagam do que se passara e a Mestra explica." Imaginem que esse maldito negro do Randolph quis matar-me a distancia, pretendendo desmaterializar a bala e materializa-la ao penetrar no meu corpo. Como não logrou o seu intento, voltou a arma contra si e suicidou-se. Perdeu a razão... "É o que sucede, geralmente, aos que se apartam do verdadeiro caminho."

Mais tarde, soube-se, pela própria viúva, que o fato ocorrido com a mestra, em Adyar, correspondia, exatamente, a experiência posta em pratica, nesse momento, pelo ocultista, então, na América. Ele, com efeito, dispara o seu revolver, visando um alvo imaginário, mas a bala, em vez de seguir a trajetória natural, voltou e o atingiu, matando-o.

Se com estas anotações contribui para enriquecer os traços biográficos da Sra. Blavastky, sentir-me-ei satisfeito.

Sirvo-me do ensejo para recomendar os trabalhos deste mago, sobre os Rosa-Cruz. São livros muito curiosos, em cujas paginas encontram-se conhecimentos que não estão ao alcance de todos. Possuo diverso, mas devo salientar Dhoula Bel, um dos mais interessantes. Devo acrescentar que foram escritos quando Randolph ainda não se havia afastado do bom caminho.

R.+ HUIRACocha

REVISTA GNOSE

ANNO II – RIO DE JANEIRO, 27 DE MAIO DE 1937 –Nº10.